

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/ PORTUGUÊS**

LÉIA SAMARA DA SILVA SANTOS

**ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA E VARIEDADE PADRÃO: ANÁLISE DO
DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA EM UMA TURMA DO
8º ANO DA ESCOLA ESTADUAL TERESINHA NUNES**

PICOS- PI

2016

LÉIA SAMARA DA SILVA SANTOS

**ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA E VARIEDADE PADRÃO: ANÁLISE DO
DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA EM UMA TURMA DO
8º ANO DA ESCOLA ESTADUAL TERESINHA NUNES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvécio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras/Português.

Orientadora: Prof. Ma. Fernanda Martins Luz Barros

PICOS- PI

2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S237e Santos, Léia Samara da Silva.

Ensino de Língua Portuguesa e variedade padrão: análise do desenvolvimento da competência comunicativa em uma turma do

8º ano da Escola Estadual Teresinha Nunes / Léia Samara da Silva Santos– 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (59 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016 .

Orientador(A): Prof. Ma. Fernanda Martins Luz Barros

1. Ensino de Língua Portuguesa. 2. Variação Linguística. 3. Competência Comunicativa. I. Título.

CDD 469.798



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte N° 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 20:35 horas do dia 01 de agosto do ano de dois mil e dezesseis, na sala 809, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos - PI, sob a presidência do Prof. Fernanda Martins Luz Barros, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno Leia Samara da Silva Santos, do curso de Letras desta Universidade com o título,

Ensino de Língua Portuguesa e variedade padrão: análise do desenvolvimento da competência comunicativa em uma turma do 8º ano da Escola Estadual Jerônimo Nunes

Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Fernanda Martins Luz Barros (orientador - presidente), Prof. Luiz Egito de Sousa Barros (1º examinador) e Prof. Lílian Brito da Silva (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: SETE (EXTENSO); SETE (EXTENSO) e SETE (EXTENSO). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral SETE (EXTENSO). E para constar, eu, Fernanda Martins Luz Barros, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 01 de agosto de 2016.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Fernanda Martins Luz Barros
Presidente

Luiz Egito de Sousa Barros
1º examinador

Lílian Brito da Silva
2º examinador

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus, por derramar as suas bênçãos sobre mim, aos meus pais pelo apoio que me deram em cada etapa da minha vida; ao meu pequeno rei, Rian Rubens, responsável pela luta por meus ideais; aos meus irmãos e amigos pelas palavras de carinho e incentivo; e à minha orientadora, Prof. Ma. Fernanda Martins, pessoa admirável e imprescindível na realização desse trabalho. E a todas as pessoas que, de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento é para Deus, que desde o início da caminhada, esteve comigo, dando forças, empenho e sabedoria, tão necessários nesta jornada.

A toda a minha família, especialmente a minha querida mãe Deusedite Santos, por cuidar do meu filho. Sem ela talvez não tivesse concluído esse curso. Ao meu pai Severiano Santos por acreditar em mim e estar sempre disponível para me ajudar, ao meu adorado filho, Rian Rubens, preciosidade que Deus me deu para enobrecer o meu espírito, minha fonte de motivação. A meus irmãos, que estiveram sempre por perto, me apoiando nas horas fáceis e difíceis, cada um à sua maneira.

Aos meus amigos de longa data por quem tanto tenho respeito, amor e confiança, que torceram tanto por essa vitória. E não poderia deixar de citar as minhas amigas de curso “o nosso quarteto de letras”, Anne, Kahena e Thais que compartilharam comigo inquietações e necessidades, oferecendo-me apoio desde o início deste percurso.

À Universidade Federal do Piauí, aos professores do curso de Licenciatura plena em Letras, que com sabedoria e dedicação contribuíram para a concretização da minha primeira formação. Em especial agradeço imensamente a minha professora orientadora Fernanda Luz, por toda a ajuda prestada neste percurso. Sou grata por seu apoio incansável, sua disponibilidade, paciência e seus conselhos. O resultado deste trabalho somente foi possível graças a sua dedicação e auxílio prestado.

À professora de Língua Portuguesa, que permitiu a observação de suas aulas. De igual modo, aos alunos da Escola Teresinha Nunes, que contribuíram para a realização deste estudo.

Sou privilegiada por minha vida ser repleta de pessoas maravilhosas. Embora não possa citar todas, espero alcançar, expressando o meu agradecimento cheio de sinceridade.

A todos, o meu muito obrigado!

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar se a escola tem tratado a educação linguística para além da língua padrão, especificamente no 8º “A” da escola Unidade Escolar Teresinha Nunes, localizado no centro de Picos/PI. Especificamente como a escola lida com a variação linguística dentro da sala de aula, identificando as práticas de uso da língua desenvolvida nas aulas de língua portuguesa, podendo analisar assim se a escola tem preparado o aluno para o uso competente da língua nas mais distintas situações comunicativas. O estudo classifica-se como uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, no qual foram empregados para a coleta de dados a observação às aulas de Língua Portuguesa na referida série e a aplicação de questionários, para alunos e professor. Para a fundamentação teórica desse trabalho, valemo-nos das abordagens a respeito do ensino de língua portuguesa mediante o desenvolvimento da competência comunicativa com base em Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2006), os PCNs (1998), Travaglia (2009), entre outros. Constatamos por meio das análises que o ensino de Língua Portuguesa ministrada pela professora está vinculado ao ensino da língua padrão por meio da prescrição e da imposição da gramática normativa, uma vez que prioriza o trabalho com as regras gramaticais, como se elas fossem garantia de escrever bem e falar corretamente, o que colabora para que haja um distanciamento em relação ao desenvolvimento da competência comunicativa do aluno.

Palavras-Chaves: Ensino de Língua Portuguesa; Variação Linguística; Competência Comunicativa.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze whether the school has dealt with language education beyond the standard language, specifically on the 8th "A" of School Unit TeresinhaNunes, located in the heart of Picos / PI. Specifically how the school deals with linguistic variation within the classroom, identifying language use practices developed in Portuguese language classes and can analyze so if the school has prepared the student to the appropriate use of language in the most different communicative situations. The study is classified as a field research, qualitative in nature, which were used for data collection observation to Portuguese classes in that series and the application of questionnaires to students and teacher. For the theoretical basis of this work, we make use of approaches regarding the Portuguese language teaching through the development of communicative competence based on Bagno (2007), Bortoni - Ricardo (2006), PCN (1998) Travaglia (2009), among others. We contacted through the analysis that the Portuguese language teaching given by the teacher is linked to the standard language teaching through prescription and imposition of normative grammar, as it prioritizes work with grammar rules, as if they were guaranteed to write well and speak properly, which contributes so there is a detachment from the development of communicative competence of the student.

KeyWords: Portuguese Language Leaching;Linguistic Variation;Communicative Competence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2.A LÍNGUA E SEU VALOR SOCIAL.....	13
2.1 Variação Linguística x Ensino de Língua Portuguesa.....	16
3. O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA SALA DE AULA	22
4. METODOLOGIA.....	29
5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE.....	31
5.1 PESQUISA REALIZADA COM A PROFESSORA.....	31
5.2 RESULTADOS DA PESQUISA FEITA COM OS ALUNOS	32
CONCLUSÃO	43
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	45
ANEXOS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Reconhece-se que o ensino de Língua Portuguesa consistiu sobretudo à simples transmissão de conteúdos gramaticais, aplicados insistentemente, ano após ano, pelos professores, para que os alunos aprendam conceitos de sujeito, verbo, substantivo etc. por meio de exercícios repetitivos e descontextualizados do padrão linguístico. Diante dessa realidade, nos questionamos se o ensino de língua portuguesa tem contribuído para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

O ensino de Língua Portuguesa tem sido tema de muitas reflexões de pesquisadores nos últimos anos, isso está ocorrendo porque eles estão cada vez mais preocupados em oferecer aos alunos a possibilidade de reflexão sobre as diferentes variedades linguísticas e a possibilidade de adequação do registro à situação.

O Brasil é um país de diferentes variedades linguísticas, por isso, não podemos desconsiderá-las quando pensamos em ensino de Língua Portuguesa. É de extrema importância que os professores e as escolas tenham consciência dessa diversidade linguística, pois essa variedade pode influenciar muito no processo de ensino-aprendizagem. A não aceitação da variedade linguística muitas vezes pode acabar gerando o preconceito linguístico, que acontece quando a escola ou o professor acreditam na homogeneidade da língua, ou seja, não aceitam que a língua varia e que existem diferentes formas de falar.

Com base em alguns questionamentos, buscamos nesta pesquisa analisar se a escola tem tratado a educação linguística para além da língua padrão, especificamente como a escola lida com a variação linguística dentro da sala de aula, identificando as práticas de uso da língua desenvolvida nas aulas de língua portuguesa, analisando assim, se a escola tem preparado o aluno para uso competente da língua nas mais distintas situações comunicativas.

Logo, a escolha do tema se deve em decorrência do atual ensino de LP e à forma como este muitas vezes tem sido direcionado em sala de aula, formando educandos que muitas vezes não sabem fazer uso da língua para realizar atividades diárias que exigem maior grau de formalidade ou complexidade, que exigem os mesmos um conhecimento aprofundado e adequado de certos conhecimentos e habilidades que o ensino gramatical não é capaz de suprir.

No decorrer desta pesquisa, ancoramo-nos, principalmente, no estudo de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2006), PCNs (1998), Travaglia (2009), cujo embasamento levou-nos a ter uma nova visão sobre a competência comunicativa e como o professor poderia em sua prática pedagógica propiciar condições para que tal competência se realizasse.

Por tanto, este estudo tem como objetivo norteador analisar se o ensino de língua portuguesa contribui para desenvolver nos alunos do 8º “A” da Escola Estadual Teresinha Nunes, a competência comunicativa e está organizada em cinco capítulos, da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentamos a introdução; no segundo, alguns pressupostos teóricos a respeito do valor da língua dentro da sociedade, valor este refletido no ensino de Língua Portuguesa, abordando sobre a variação linguística dentro da sala de aula, apresentando assim no terceiro capítulo o ensino de língua materna fundamentada nos PCNs e na Sociolinguística, com o objetivo de provocar mudanças nos métodos de ensino que conduzem o ensino de língua de portuguesa, pois, como contatamos nas aulas da docente observada, a aula é voltada para o ensino da gramática normativa, vinculada a regras que os alunos precisam memorizar simplesmente para fazer provas, confirmando desse modo, a prática de um ensino tradicional cansativo e descontextualizado, pois a docente idealiza a gramática de maneira equivocada, como se tantas regras pudessem levar o aluno a escrever e falar adequadamente.

O quarto capítulo versa sobre a metodologia desse estudo, onde elegemos a pesquisa de campo de natureza qualitativa como método de análise e definimos os *corpus* dessa pesquisa. E o quinto capítulo trata da análise e descrição dos dados coletados, ou seja, a análise das aulas observadas e dos questionários aplicados em sala de aula.

Em seguida, são apresentadas no quinto capítulo, as considerações finais. Por fim estão as referências utilizadas para a construção deste trabalho e os anexos que compõem esta monografia.

Contudo, podemos afirmar que esse estudo tem por pretensão servir de subsídio para o ensino de língua portuguesa, bem como retratar o estágio atual do ensino de língua materna encontrado em grande parte das escolas brasileiras, que, entretanto, carecem de outras pesquisas no ambiente escolar, a fim de evidenciar

como a competência comunicativa tem sido trabalhada em distintas realidades, seja na sua modalidade oral ou escrita.

2. A LÍNGUA E SEU VALOR SOCIAL

A Linguística tem como função estudar a linguagem humana e serve de base para todas as outras ciências, pois a língua e a comunicação são essenciais para vida de qualquer ser humano. Ferdinand Saussure o pai da linguística moderna, sempre se preocupou em entender a estrutura da língua e defende a língua como instrumento social, ou seja, a língua como sistema abstrato utilizado para a comunicação.

Nesse sentido, de acordo com os sociolinguísticos, a língua e a sociedade está entrelaçada, a linguagem define a vida em sociedade, pois é através da qual o indivíduo se comunica, retratando o comportamento e a cultura relacionada à comunidade a qual ele pertence. Como afirma Bagno (2007, p.38), “língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra”. Assim, fica impossível falar em linguagem sem relacioná-la com a sociedade, pois essa conexão é a base que constitui o ser humano, sendo assim, a língua é um instrumento de comunicação e também um veículo Identitário, visto que pode passar por variações devido à faixa etária, ao sexo, à classe social do falante, aos diferentes níveis de escolaridade e a outros fatores.

Como afirma Leite (2005, p. 7):

É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, extratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade.

Assim, é preciso compreender que a linguagem é o meio essencial e primordial para a comunicação, das pessoas e também da sociedade em geral. A linguagem é responsável pela inserção dos indivíduos na sociedade.

Complementa Bagno (2007, p. 38)

A língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para a sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos- sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. –já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem.

Devido às características de cada região, às diferenças sociais, entre outros fatores, o Brasil tem uma variação linguística muito ampla, e, por isso os falantes fazem uso diferenciado da língua, implicando então as variedades que compõem a nossa realidade. De acordo com Possenti (1997), a variedade linguística nada mais é do que o reflexo da sociedade, onde, está possui uma variedade social caracterizando então, o papel dos indivíduos e dividindo-os em grupos ou classes. E por consequência, além da diversidade de variedades linguísticas, há uma forte marca valorativa, que reflete a divisão desses grupos sociais em que determinados traços linguísticos são mais valorizados do que outros, de acordo com falantes que pertencem a uma classe socioeconômica mais ou menos privilegiada.

Nesse contexto encaixa-se o pensamento de Gnerre (1994, p. 6), segundo o qual “[...] uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Ou seja, as variações acabam contendo valores que refletem a hierarquia dos grupos sociais, sendo consideradas superiores ou inferiores dependendo do contexto social em que se enquadram os seus falantes. Isso significa que à variedade linguística dos falantes das classes dominantes é atribuído poder e autoridade, sendo considerado exemplo para todas as outras, a chamada variedade padrão.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.34),

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque não faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto.

Para a citada autora, é atribuído um valor social às variações linguísticas, onde em todas as comunidades existem variações consideradas superiores e outras inferiores. Na qual as superiores são rotuladas como variedades de prestígio por serem usadas por classes dominantes que se fundamentam na variedade padrão e determina como modo “correto” de falar e as inferiores chamadas como dialeto “ruim”, por ser falada em uma região pobre. Para Bortoni-Ricardo as variedades com maior poder e prestígio nada tem de superior às demais variações a não ser pela sua

ideologia dominante, que estão associados à política, a economia. A esse respeito Bagno (2007, p. 48) destaca: “A ideia de que existem” apenas variedades linguísticas mais “feias” ou mais “bonitas”, mais “certas ou mais “erradas”, mais ricas ou mais “pobres” é fruto de avaliação e julgamentos exclusivamente socioculturais e decorrem das relações de poder e de discriminação que existe em toda sociedade”.

É primordial abranger de forma plausível as questões voltadas a Linguística e assim sabemos que a linguagem predominante dentro de nossa sociedade é a variedade padrão falada pelas classes sociais altas, em determinadas regiões geográficas, isto é, usada pelos indivíduos que estão no centro do poder econômico e cultural. Esse conceito da homogeneidade linguística, na qual acredita-se que exista uma única maneira correta de falar, é vista pelos sociolinguistas como um conceito equivocado, visto que língua é um fenômeno mutável, dinâmico e social, ou seja, ela está em construção a todo momento, portanto a língua é heterogênea. Reconhecer que a variante desprestigiada é inferior em relação ao seu vocabulário é definitivamente inaceitável, pois num país onde a diversidade linguística é tão marcante não pode existir variedade linguística inferior nem superior, nem língua melhor ou pior em relação à outra.

Quando não ocorre aceitação de outras variedades, faz gerar o chamado preconceito linguístico, que se manifesta frequentemente dentro da nossa sociedade por meio da intolerância de um falante em relação ao outro, diante de uma palavra inadequada, de uma concordância verbal não realizada, entre outros exemplos, recusando desse modo às variedades linguísticas diferentes da variedade padrão.

Como descreve Bagno (2006), essa variante linguística é vista com preconceito por ter uma avaliação negativa da fala de um indivíduo, vinda principalmente por aqueles que defendem a homogeneidade linguística, ignorando a grande diversidade de dialetos que compõe a língua portuguesa falada pelos brasileiros. O preconceito linguístico ocorre no dialeto de determinadas classes sociais, ou inclusive no dialeto de certas regiões, podemos citar como exemplo, o dialeto nordestino, que muitas vezes é motivo de deboche por parte de muitos outros brasileiros. Isso acontece porque o Nordeste é uma região classificada como pobre atrasada e subdesenvolvida, se comparada à região Sudeste do país.

Bagno (2006) defende que devemos acabar com a vontade, sem sentido próprio ou até mesmo desmotivado, assim a vontade não terá sentido de modo algum, então é preciso denominar uma só localidade que fala “melhor” o português e outro que fala “pior”, pois somente desse modo passaríamos a respeitar igualmente todas as variedades da língua. Todas elas possuem o seu valor, são instrumentos plenos de comunicação e de relação entre pessoas que as falam.

Todas as línguas possuem recursos necessários para a comunicação entre seus falantes e dizer que uma pessoa fala mais “certa” do que outra é uma forma de propagar preconceito, pois o que existe é adequada ou inadequada a determinada situação sócio comunicativa.

Como afirma Travaglia (2009, p.29).

[...] não há erro linguístico, mas a inadequação da variedade linguística utilizada em uma determinada situação de interação comunicativa, por não atendimento das normas sociais de uso da língua, ou a inadequação do uso de um determinado recurso linguístico para a consecução de uma determinada intenção comunicativa que seria mais bem alcançada usando-se outros (s) recurso (s).

Existem várias situações de fala, onde precisamos saber diferenciar o tipo de linguagem, para adequá-la a determinado contexto, como por exemplo, em uma situação como a defesa de uma tese, como também na defesa de uma monografia, ambas possuem o mesmo campo de abrangência na pesquisa e busca de conhecimento, assim sabe-se que se deve usar a linguagem formal, já em uma conversa no barzinho com os amigos se usa a informal, que são dois polos extremos. Portanto, é necessário que os falantes saibam usar a linguagem adequada à situação comunicativa, pois na interação social devemos seguir as convenções, tendo o conhecimento de quando, onde e como devemos falar.

2.1 Variação linguística x Ensino de Língua Portuguesa

A variação linguística está muito ligada aos problemas de diferenças na fala e na escrita. Essas diferenças devem-se às transformações que ocorrem nas línguas ao longo do tempo, no entanto, essas transformações não devem ser vistas como erro e sim como um uso diferente da língua. Existem muitas variações da língua portuguesa no Brasil, mas tradicionalmente elas são consideradas numa escala

valorativa, por exemplo, a língua padrão é equivocadamente considerada como a língua do português correto, enquanto as outras, de menos prestígio, são tidas como erradas.

Muitos professores ainda não estão conscientes da existência da variação linguística e consideram que os alunos falam “errado” e acham que devem ensinar somente a nomenclatura gramatical por meio de métodos tradicionais, se esforçando para que os alunos conheçam de cor o nome de todas as classes de palavras e que saibam identificar todos os termos da oração. Ora, isso não é garantia de que esses alunos irão se tornar bons usuários da língua de prestígio social.

De um lado oposto à diversidade linguística temos a concepção de linguagem proposta pela escola, vinculada ao ensino da língua padrão por meio da prescrição e da gramática normativa, que não deixa de ser um produto de uma sociedade hierarquizada, usada por uma minoria de pessoas possuidoras do poder que nomeia a concepção de uma língua “exemplar”.

Essa grande variação linguística que difere do português padrão brasileiro é consequência das barreiras sociais que impedem grande parte da população de ter acesso ao padrão oral e escrito, pois os falantes da variedade que não tem valor social, que na sua grande maioria não são alfabetizados, possuem limitado acesso ao uso de variantes de maior prestígio pela sociedade.

Observa-se, portanto, que a língua padrão no Brasil está associada à classe social, pois qualquer modo de fala que não se inclua no campo padrão é visto como português “inferior. Segundo Bortoni-Ricardo (2006, p.29). “No Brasil a língua-padrão é associada ao grupo social que goza de melhor status”. Quaisquer desvios do padrão real tendem receber avaliação negativa, que varia de grau, a depender de os traços determinarem uma estratificação gradual ou descontínua”.

Com isso, fica evidente que essa não aceitação da variante diferente da norma padrão é muito mais social do que linguístico, pois apenas aqueles que pertencem a um grupo social privilegiado terão acesso à língua-padrão e o que foge desse padrão será considerado “errado”.

O ensino de Língua Portuguesa é reflexo dessa “cultura”, pois os professores de Língua Portuguesa acreditam que a língua padrão é o único meio de o aluno ser aceito na sociedade a qual ele pertence, ou seja, acredita-se que a variante padrão é a abertura para que ele possa elevar-se socialmente, pois baseado no valor social dado a variante padrão, o aluno que não utiliza essa variante linguística é associado

como um ser “inferior”. Bortoni - Ricardo (2006) afirma que a escola parte do princípio de ensinar a língua da cultura dominante – norma padrão - e tudo o que difere ou se afasta deste código é considerado defeituoso e deve ser erradicado. Ou seja, a escola aborda o ensino de língua portuguesa de modo sistemático e impositivo.

A escola propaga a língua como homogênea, priorizando a norma padrão sobre as variantes linguísticas dos seus educandos. Sobretudo é nesse ponto que a escola ao invés de ser um espaço de interação social, onde todos tenham acesso à informação e ao conhecimento, acaba por se tornar excludente, pois desrespeita os antecedentes culturais dos alunos, que na maioria das vezes não tiveram acesso a variedade considerada padrão. Desse modo, contribui para que o ensino de Língua Portuguesa não seja concretizado de forma adequada para a eficácia do aprendizado do aluno, além de privilegiar as classes dominantes, cooperando para o controle social. Entretanto, o problema não está na existência de um código padrão e sim no acesso, muitas vezes restrito, que grande parte da população tem a ele.

O modo como a língua portuguesa é ensinada em grande parte das escolas, para muitos, não tem alcançado resultados positivos, pois os docentes ensinam única e exclusivamente a língua padrão contida nas gramáticas tradicionais, ignorando as variações existentes no vocabulário do aluno, o que resulta na deficiência da aprendizagem por parte deste.

Os estudos sociolinguísticos evidenciam a língua como heterogênea, no entanto não há uma prática eficaz no sentido de romper com a tradição gramatical que o condiciona as práticas pedagógicas. Como constatam as muitas pesquisas realizadas, o ensino ainda continua voltado para o que é estabelecido pelas gramáticas normativas, ao ensino da norma padrão, propagando, portanto, o mito de que para falar e escrever bem é preciso saber a gramática normativa, como se a língua fosse equivalente à gramática.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2006, p. 15).

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

Em outros termos, a escola não pode e não deve desprezar as diferenças sociolinguísticas de seus alunos, mas sim expor, por meio dos professores, a existência das variedades linguísticas, ensinando ao aluno a respeitar as diferenças e adequar seu vocabulário a diferentes contextos, quando necessário, objetivando ao aluno desenvolver um senso crítico. Para tanto se faz necessário o docente se conscientizar de que o aluno, ao chegar à escola, já sabe a sua língua, aquela que aprendeu no meio em que vive, pois a utiliza com muita naturalidade antes de ir à meio escolar e não ignorar as diferenças linguísticas em detrimento desse padrão normativo, é muito importante para o desenvolvimento educacional do estudante.

Segundo Neves (2003, p.24- 25),

...Quando vai para a escola, a criança domina o padrão coloquial de seu grupo, que é mais ou menos, próximo do padrão culto, dependendo do grupo socioeconômico-cultural do qual ela provém. Daí que, sem uma educação formal que a ponha em contato com a “língua-padrão”, quanto mais desfavorecido em termos de letramento o ambiente do qual ela provenha, mais desfavorecida no desempenho ela continuará, porque é a escola, no geral, o único espaço em que a criança terá suporte para entrar equilibradamente na posse de conhecimentos que lhe possibilitarão adequação sociocultural de enunciados, em que ela terá suporte para transitar na competência natural do coloquial (mais distante, ou menos distante, do padrão) para uma posse ampla e segura que lhe permita adequar seus enunciados, nas diversas situações de interação.

O objetivo das escolas é proporcionar conhecimento e aprendizagem de qualidade a todos, respeitando o dialeto que cada um traz consigo, ampliando seus conhecimentos, entretanto valorizar somente a língua padrão é tornar o ambiente escolar que deveria ser espaço de comunicação e interação em um espaço de correção e repressão.

Segundo Bagno, (2001, p.36), “menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou a variedade da língua empregada por um ser humano equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo enquanto ser humano”. Os mais atingidos são aqueles que provêm das classes menos favorecidas economicamente, são eles que se sentem ridicularizados diante da própria língua, inibidos dentro da sala de aula, cheio de dúvidas e incerteza, distantes da norma considerada correta. Por consequência, há dificuldade no trato com a norma culta da língua, na leitura e compreensão do texto lido e na produção textual, coesão, coerência e gramática, o que justifica o baixo rendimento escolar.

Um ensino de qualidade não se baseia apenas na quantidade, nas respostas padrão ou conceitos fragmentados. O ensino de qualidade é aquele que valoriza as

diferenças, apoiando projetos que reflete sobre a inclusão social, diminuindo as desigualdades e dando voz aqueles que sofrem opressão da ideologia dominante.

Travaglia (2009) reforça que os objetivos do ensino de língua portuguesa devem ser ensinar a língua e ensinar sobre a língua. No primeiro objetivo, o que se busca é a formação de usuários competentes da língua, isto é, que tenham competência comunicativa; no segundo, a finalidade é a de ensinar teoria gramatical ou linguística, formando analistas da língua. Cabe o ensino de Língua Portuguesa desenvolver a competência comunicativa dos alunos em diferentes formas e situações, sejam elas orais, cotidianas, de raciocínio crítico.

Parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p.32).

Para a consecução desses objetivos, é necessário que as instituições de ensino não valorizem apenas a variante linguística, a cultura, a literatura, a geografia e a história dos grupos sociais dominantes, mas passe a reconhecer também a cultura popular, pois deve respeitar o educando, oferecendo-lhe uma educação plurilinguística como forma de valorizar sua cultura. Deve-se expor para o aluno que o indispensável da linguagem é a comunicação, e não apenas transformar o estudo de Língua Portuguesa em um ensino de normas gramaticais, pois para que haja comunicação não é necessário saber todas as regras gramaticais.

Na maioria das vezes os professores não sabem como agir diante da variação linguística, dentro da sala de aula. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.38), “os professores ficam inseguros sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo sem podem falar no erro”. Para a autora, vale ressaltar que os professores não devem usar a má adequação linguísticas dos alunos para humilhá-lo, pois pode prejudicá-lo na sua formação como cidadão. É dever do professor conscientizar o aluno de que existe várias maneiras de dizer a mesma coisa, e todas elas com o mesmo valor de verdade, mas que dentro da sociedade, a variante padrão tem um prestígio maior diante das outras, abrindo oportunidades para aqueles que a utilizam.

Ainda segundo a autora:

Os alunos que chegam à escola falando “nós chegamu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e valorizados nas suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm direito alienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes podem negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante (BORTONI-RICARDO, 2006, p.15).

Diante do que foi exposto, podemos concluir que a língua é um bem cultural, e deve ser atribuído de forma igualitária para chegarmos ao início de uma democratização. Entretanto existem alguns professores que barram o uso da língua coloquial, não estimulando a criatividade e a competência linguística do aluno o que às vezes, segundo Bortoni- Ricardo (2006, p.16), “implica distorções nas prioridades pedagógica do ensino da língua padrão e suas manifestações literárias”.

Observamos que há uma grande dificuldade em lidar com a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, causado pelo processo de democratização, onde as classes mais baixas lutam por direitos iguais dentro da sociedade, e por consequência, houve um aumento de diferentes dialetos dentro da sala de aula.

De acordo com esse pensamento, Soares (2008, p. 68) menciona o seguinte:

A escola, que até então se destinava apenas às camadas socialmente mais favorecidas, foi, dessa forma, conquistada pelas camadas populares. Ora, exatamente porque, historicamente, sua destinação eram as classes favorecidas, a escola sempre privilegiou e, a despeito da democratização do ensino, continua a privilegiar a cultura e a linguagem dessas classes, que são diferentes da cultura e da linguagem das classes desfavorecidas.

Nota-se que a escola não se organizou para receber os novos alunos que se diferenciam pela sua cultura e linguagem. Por consequência, há um conflito entre a língua que é ensinada na escola com o dialeto social que o aprendiz domina de acordo com sua origem sociocultural. As camadas populares e de baixa renda veem na escola a solução dos problemas existentes na sociedade, pois é na instituição escolar e por meio de um ensino de qualidade que as pessoas vão adquirindo conhecimento e voz perante a sociedade. Para Soares (2008, p.73), “uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas”.

3. O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NA SALA DE AULA

O tema variação linguística dentro da sala de aula tem sido objeto de discussão de vários pesquisadores e de reflexão para as novas propostas de educação em língua materna, devido à deficiência no ensino-aprendizado nas aulas de língua portuguesa causada pela não aceitação das distintas variações da norma padrão. Assim, fazem-nos imprescindível refletir sobre os métodos de ensino que conduz o ensino de língua.

A escola tem como objetivo primordial ensinar o aluno a dominar a língua padrão para o pleno exercício da cidadania. Esse ensino deve ser feito sem menosprezar a variante do aluno, conscientizando de que há outras variantes, todas elas válidas, e que a língua padrão é apenas uma delas, apesar de ter mais prestígio.

Assim fala Bortoni- Ricardo (2005, p. 15),

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos, têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

Contudo, o professor de Língua Materna é responsável pelo desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, ou seja, a capacidade que eles têm de empregar, adequadamente, a língua nas mais diversas situações de comunicação, competência essa que constitui o objetivo primordial das aulas de língua portuguesa.

É a função da escola, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.96), tornar possível.

Que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

Porém, para o desenvolvimento na competência comunicativa do aluno é necessária uma mudança nas atividades pedagógicas, principalmente no ensino de língua materna, pois no ensino de Língua Portuguesa, as aulas muitas vezes não têm associação com a realidade linguística dos alunos, pois se fundamenta exclusivamente na norma padrão. Com isso, os PCNs criticam o ensino tradicional em relação ao seu método de ensino, e dentre as principais críticas encontra-se:

A desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos; a excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de texto; o uso do texto como expediente para ensinar valores morais e com pretexto para tratamento de aspectos gramaticais normativos e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de realidade e as variedades não-padrão; o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercício mecânico de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas; apresentação de uma teoria gramatical inconsistente, uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada. (BRASIL, 1998, p.19)

Compreende-se que o ensino tradicional não prioriza a necessidade dos alunos, trabalhava com textos dando ênfase apenas aos aspectos gramaticais, onde os alunos têm que decorar regras que pouco servem, para sua vida social.

Os Parâmetros curriculares Nacionais são documentos oficiais que têm como objetivo oferecer aos professores novas opções teóricas para a reorientação de sua prática pedagógica. Os conteúdos de Língua Portuguesa propostos pelos mesmos para o ensino fundamental além de estarem sintonizados com as novas tendências dos estudos linguísticos para o aprendizado de língua materna, oferecem as diretrizes necessárias para a composição do currículo de acordo com a realidade local de cada escola.

Os PCNs foram criados visando reformular o ensino, de forma que o docente possa resgatar o projeto pedagógico da escola e adequá-lo à realidade na sala de aula, respeitando as diversidades regionais, culturais e políticas existentes no país, com o objetivo de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras e desse modo propiciar aos jovens condições de acesso dentro da escola no que concerne ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

Sobre o ensino de línguas (BRASIL, 1998, p.9.)

Os parâmetros têm “a intenção de provocar debates a respeito da função da escola e reflexões sobre o que, quando, como e para que ensinar e aprender, que não envolvam não apenas as escolas, mas também pais, governo e sociedades”.

Os parâmetros defendem desenvolvimento do domínio da linguagem e da língua para o exercício da cidadania. O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação

social. Através da linguagem os seres humanos se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, constroem visões de mundo e produzem cultura.

Conforme destacam os PCNs,

Nessa perspectiva, a língua é um sistema de signos específicos, históricos e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a língua é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1998, p.20)

Resumindo, pela linguagem se expressam ideias, pensamentos intencionalmente, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas (re)ações.

É por meio da linguagem que nós seres humanos nos comunicamos, manifestando nossas críticas, defendendo nossas opiniões e conseqüentemente compartilhando conhecimentos de mundo. Como explica o PCNs de Língua Portuguesa (1998, p.20), “O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social”.

O estudo dentro da escola deve também ser fundamentado na vivência dos alunos, em suas relações sociais, pois a língua é resultante dessa prática, não é possível separá-la da sua situação de uso comunicativo.

A sociolinguística proporcionou ao ensino de Língua Portuguesa consideráveis mudanças, entre elas, a conscientização do fenômeno da variação linguística existente no português brasileiro, assim como as conseqüências dessas variações no processo de ensino e aprendizagem da língua.

Para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno é necessária mudança nas atividades pedagógicas no ensino de língua materna.

Para tais consecuições dos objetivos se faz necessário que o professor de língua materna se conscientize que antes mesmo de saber o que ensinar é preciso saber como ensinar, resgatando suas concepções de linguagem e de ensino de língua. Essas concepções são essenciais para o ensino-aprendizado, já que elas determinam a prática pedagógica.

O ensino da língua padrão nas escolas é de suma importância para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. No entanto, é notável a necessidade de mudanças na prática pedagógica no que diz respeito à atitude do professor de língua materna, pois o ensino de língua portuguesa é visto apenas como um conteúdo escolar, não levando em conta o modo de vida do aluno, formando usuários acríticos, que recusam a disciplina por ser obrigado a obedecer um conjunto de regras que a orientam.

Segundo Perini (1992, p.14),

Para avaliar a gravidade da situação, basta perguntar aos alunos de segundo grau se eles contemplariam dedicar suas vidas aos estudos gramaticais, dificilmente se obterá uma resposta afirmativa. Na melhor das hipóteses, estão sendo formados jovens cuja curiosidade intelectual é dirigida em qualquer direção, menos na dos estudos da língua. Na pior das hipóteses estão sendo formados jovens cuja aversão aos estudos gramaticais os leva a sufocar a própria curiosidade intelectual.

Vale destacar que a primeira função da escola é ensinar a língua padrão, entretanto tem falhado nesse processo, visto que é possível constatar que sua dificuldade está justamente em trabalhar a língua padrão dentro da sala de aula sem, no entanto, causar o silenciamento do aluno e o apagamento de sua cultura, pois o que podemos perceber é que muitos alunos ficam inibidos diante da “nova língua”, e tendo por consequência baixo rendimento.

No entanto, para que se modifique esse quadro ao término da educação básica, é extremamente importante que as instâncias políticas e corpo docente se empenhem na mudança.

Como lembra Pereira (2000, p. 244-249),

Dá muito trabalho ser bom e eficiente professor de Língua Portuguesa. Títulos, cursos, leituras, eventos, ajudam _ e muito. Entretanto, o mais importante é o entusiasmo, a paixão (gostamos dessa palavra) por aquilo que se faz acreditar que se é capaz, pelo menos, de mudar aquela turma, as pessoas que estão ali, naquele momento, em algumas horas, em um semestre, em um ano, porque naquele breve tempo poderá, além de ensinar, “despertar” o desejo por mais, “instigar” a procura do conhecimento, ser responsável pelo aparecimento de pessoas especiais.

O primeiro passo para a mudança é o reconhecimento da variação linguística existente dentro da sala de aula, visto que a escola ao valorizar a variação linguística do aluno, levando em conta o contexto social em que estão inseridos, amenizará um

dos problemas do ensino de língua materna, uma vez que a variação linguística é sem dúvida, um dos fatores que mais interferem nas relações em sala de aula e na qualidade de apropriação do saber.

Os professores ao se depararem com algum aluno utilizando uma variedade não-padrão, primeiramente deve-se identificar a diferença, para depois conscientizar-se dela, mostrando que ele não utilizou a variação mais adequada para o momento e/ou lugar. E na abordagem da conscientização que se fazem todas as diferenças no ensino-aprendizado, no entanto expor o aluno e tratá-lo inadequadamente pode ocasionar insegurança e até mesmo desinteresse em interagir verbalmente.

Para o aprimoramento da competência linguística do aluno cabe à equipe docente propiciar ferramentas para uma análise crítico-reflexivo da língua que beneficie o enriquecimento cultural do educando, formando um ambiente onde os alunos se sentirão mais à vontade para interagir em sala de aula, independentemente da variedade linguística usada por eles.

O professor ao trabalhar de maneira contextualizada, relacionando a fala e a escrita nos métodos de ensino e de aprendizagem, estará colaborando para a participação ativa dos discentes pertencentes às camadas populares no contexto escolar e social, logo estará proporcionando para eles uma oportunidade de aprender a língua padrão sem rejeitar a variedade utilizada pelo grupo de origem. Quando o professor concebe espaço para o diálogo, para a troca de experiências, ele consegue realizar seus objetivos, evidenciando uma aprendizagem significativa para seus alunos.

Um dos maiores problemas ocorridos em torno do ensino de língua materna é o método como o professor ensina aos alunos a sua própria língua. É sabido que o ensino de Língua Portuguesa se restringe totalmente ao uso da gramática normativa, a qual delimita o que é certo ou errado. Tal procedimento não leva em consideração o processo de variação ocorrido em todos os níveis da língua a partir de fatores geográficos, status socioeconômicos, grau de escolarização, idade, por exemplo.

O professor de Língua português continua com o mesmo estudo inadequado das nomenclaturas e classificações gramaticais. Os alunos não são convidados a aprender a sua própria língua, enquanto, os professores não são convidados a pesquisar. O ensino escolar disseminou por muito tempo a ideia que o “certo” é pronunciar como se escreve, como se a escrita tivesse primazia sobre a pronúncia.

Diante disto, o papel da escola como responsável pela formação de cidadãos conscientes, é desmistificar essa ideologia calcada na mente de muitos brasileiros.

Contudo, o professor de língua portuguesa deve dialogar com os alunos, com e sobre a língua, interagindo socialmente e linguisticamente, não ignorando os avanços da investigação científica sobre a linguagem e o ensino de língua, pois a Língua Portuguesa está presente dentro e fora da escola. Para Bortoni-Ricardo (2006), os professores precisam buscar desenvolver uma pedagogia que seja culturalmente sensível aos saberes dos educandos, que esteja atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a cultura adotada pela escola, como uma forma de conscientizar os educandos sobre as diferenças tanto culturais quanto linguísticas. O docente deve abandonar o comodismo e a parar de reproduzir somente a doutrina gramatical e ser mais dinâmico, lecionar o conteúdo de forma reflexiva em atividades contextualizadas, interdisciplinares ou coletivas de modo que o aluno possa perceber as variedades da língua através de pesquisas, as quais envolvam a leitura e produção textual, podendo assim, construir seu próprio conhecimento linguístico.

Alguns docentes ainda não têm total consciência de que não existe erro de português, o que existe na verdade são as variações linguísticas. Dessa maneira, continuam ensinando e privilegiando o trabalho com as nomenclaturas gramaticais.

Para Antunes (2007, p.23),

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarem na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erros.

Os professores devem conscientizar-se de que a língua varia e, conseqüentemente muda, e que todo falante de uma língua materna sabe falar essa língua. É necessário que se trabalhe nas escolas as diferentes variedades linguísticas, valorizando a linguagem de cada aluno, evitando assim o preconceito linguístico.

Este, por sua vez, ainda atua com muita força na sociedade e professor, sendo um formador de opinião dentro da sala de aula, pode trabalhar de forma a não alimentá-lo, propondo uma reflexão sobre o preconceito linguístico juntamente com o aluno, de modo particular sobre a variação.

Nesse sentido, Bagno (2002, p. 134) nos lembra que:

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

Para que o ensino mude, é necessário se conscientizar de que a língua é um instrumento de comunicação social que sofre variações em todos os seus aspectos, é o meio de expressão de indivíduos que vivem em uma sociedade também diversificada socialmente, culturalmente e geograficamente. Conforme Bortoni-Ricardo (2006, p. 130) faz-se necessário o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral.

Os docentes precisam se embasar nos fundamentos teóricos propostos pela Sociolinguística nas suas atuações práticas. Esta maneira de agir, mostra o compromisso com a formação plena do cidadão, indo contra toda forma de exclusão social pela linguagem. Com isso, o professor de língua materna, rompedecisivamente com os equívocos que recobrem a noção de *erro*, conscientizando-se de que língua e gramática não são sinônimos e, acima de tudo, combatendo o preconceito linguístico ainda tão enraizado na sociedade.

Não defendemos que a escola deva parar de ensinar a gramática normativa, mas sim abandonar a prática de ensino que se fundamente unicamente nesse aspecto, pois em um tempo em que tanto se fala em inclusão social, entre tantas outras, está mais do que na hora dos educadores repensarem suas práticas acerca do ensino de língua materna.

4. METODOLOGIA

Após o embasamento teórico desenvolvido pela pesquisa bibliográfica, a qual Lakatos e Marconi (1997, p.66) ressalta que “trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo”, seguimos a proposta de Gil (2010), para quem toda pesquisa acadêmica requer a realização de pesquisa bibliográfica, uma vez que é elaborada com objetivo de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema.

Com base nisso seguimos para o segundo passo desta pesquisa, com o objetivo de analisar se a escola tem tratado a educação linguística além da língua padrão, identificando como a escola lida com a variação linguística dentro da sala de aula e as práticas de uso da língua desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa; averiguando assim se a escola tem preparado o aluno para o uso competente da língua nas mais distintas situações comunicativas.

Este trabalho é de natureza qualitativa que se desenvolve a partir de uma pesquisa documental e também de campo. Em relação à análise qualitativa, Gerhardt e Silveira (2009) relatam que ela não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, por exemplo. Já a pesquisa de campo, caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (FONSECA, 2002 *apud* GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p 31).

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos pretendem explicar o porquê das coisas, externando o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e trocas simbólicas, nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados não são méritos (suscitados de interação) e se valem de diferentes abordagens.

A pesquisa foi feita durante as aulas de Português na turma do 8º ano “A” do ensino fundamental II na Unidade Escolar Teresinha Nunes, localizado na cidade de Picos-Piauí. Para realização desta pesquisa foram observadas quinze aulas de Língua Portuguesa e em seguida aplicado dois questionários, composto por questões abertas, tanto para os alunos, quanto para a professora, com o objetivo de analisar se a escola

tem tratado a educação linguística além da língua padrão. Segundo Marconi e Lakatos, (2010 p. 184), “o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem presença do entrevistador. ”.

A escolha da turma do 8ºano “A” se deu pelo fato de ser o penúltimo ano do ensino fundamental, onde a seguinte marca a transição do aluno do ensino fundamental para o ensino médio, processo esse que acarreta o estudo mais complexo dos conteúdos de todas as disciplinas e depreende um maior conhecimento acerca dos conteúdos estudados. Em relação à escolha da escola, está se deu por ser de fácil acesso.

Tivemos a preocupação de manter o anonimato tanto da professora, quanto dos os alunos, sendo identificados não por seus nomes próprios, mas distinguidos de A1 a A12. Com o propósito de que respondessem às questões com o máximo de liberdade, sem nenhum tipo de pressão ou de constrangimento, pedimos à professora que ficasse à vontade ao ministrar suas aulas e esclarecemos que não estávamos ali para avaliar o seu trabalho, mas para analisar e descrever como ela trabalha a Língua Portuguesa, principalmente como acontece, na prática, o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno.

Contudo, após a coleta de dados, foi realizada a etapa de análise dos resultados obtidos que serão apresentados no capítulo a seguir.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Neste capítulo, analisamos se a escola tem tratado a educação linguística para além da língua padrão na turma do 8º ano “A” do Ensino Fundamental II, da Unidade Escolar Teresinha Nunes.

Iniciaremos as análises pelo questionário aplicado à professora, o qual é composto por 10 perguntas, com o objetivo de identificar como a escola lida com a variação linguística dentro da sala de aula e as práticas de uso da língua desenvolvida nas aulas de língua portuguesa, analisando assim se a escola tem preparado o aluno para uso competente da língua nas mais distintas situações comunicativas.

5. 1 Pesquisa efetivada com a professora

Principiamos com o questionário respondido pela professora, assim reproduziremos, a visão da docente sobre o preparo da competência comunicativa do aluno.

Primeiramente buscamos conhecer um pouco mais de sua realidade em sala de aula, na turma do 8º ano "A", desse modo foram observadas algumas de suas aulas num total de 15 aulas, bem como aplicamos um questionário.

Iniciamos questionando sobre a sua formação e há quanto tempo, a docente, afirmou ser graduada em Licenciatura Plena em Letras (Português) atuando há quinze anos em sala de aula. Como se pode perceber, a professora está apta a atuar no ensino de língua portuguesa e, em virtude do tempo dedicado ao magistério, espera-se que tenham uma ampla experiência com o conteúdo.

Quanto ao papel do educador linguístico a professora se mostra consciente quanto ao seu dever, declarando que é obrigação do professor agir como mediador, entre alunos e textos, propondo atividades que levem a compreensão do texto lido por meio da ativação do conhecimento de mundo e do estabelecimento de relações entre este e as novas informações.

Quando questionada, enquanto educadora linguística, como ela contribui para a formação linguística do aluno, além da língua padrão, a professora responde que *“acreditamos que a existência da variedade padrão é necessária para um meio de expressão comum a todas as pessoas cultas de um país”*. A professora não se mostrou objetiva em sua resposta, mas podemos perceber que a mesma acredita que variedade padrão é a base para uso competente da língua, em situações distintas.

O ensino fundamental é a etapa da vida em que os alunos desenvolverão a criatividade e o senso crítico, nesse contexto, o professor tem como ponto de partida o conhecimento que os alunos já possuem acerca dos temas propostos e a partir destes deve introduzir os conteúdos a serem estudados, com o devido grau de complexidade, objetivando ampliar a competência deles na área. Desse modo, foi questionada à professora se seus alunos estão preparados para o uso competente da língua portuguesa nas diversas situações comunicativas, a professora declarou que seus alunos se encontram em processo de aperfeiçoamento linguístico, cultural e social. E quando interrogada sobre os alunos têm consciência de que podem adequar a língua às distintas situações comunicativas, a professora declarou que sim, pois acredita auxiliar verdadeiramente os seus alunos na aprendizagem da leitura e da escrita.

Quando perguntado qual a maior dificuldade em lidar com a variação linguística, a professora evidencia “*a necessidade de tratar as diferentes questões que envolvem o jovem, adolescentes e a sociedade a qual ele está inserido*”. Podemos constatar através desse depoimento que há uma grande dificuldade em trabalhar a realidade do aluno dentro da sala de aula.

Em relação à metodologia mais utilizada em sala de aula, afirmou que são “*reflexão linguística, aprendizagem dos recursos gramaticais, emprego das características de um gênero, questionamentos sobre temas relacionados à cidadania, ética, saúde, etc.*”. Durante as aulas observadas, foi possível verificar que a professora ainda usa a gramática descontextualizada, baseada nos livros didáticos, ou seja, ela explica a gramática, depois passa para o livro didático. Das metodologias que foram citadas, por meio das observações das aulas, constatamos que não houve interação de aluno e professor.

Na visão de Travaglia (2009) não há nenhuma evidência de que o conhecimento dos aspectos estruturais da língua leve o aluno a desenvolver a sua competência comunicativa. Para ele, tais atividades servem mais ao propósito de ensinar sobre como é a língua, de levar a conhecer a instituição social que a língua é, de ensinar a pensar. Representam mais uma metodologia de ensino gramatical, de gramática teórica”.

Ainda segundo Travaglia (2009), não há motivos para que se pregue a extinção dessas atividades nas aulas de português, mas apenas um redimensionamento; que ela seja dada não como o fim de si mesma, mas que seja utilizada como mais um

recurso que pode ajudar a atingir o objetivo de desenvolver a competência comunicativa. Por consequência, o docente, indubitavelmente, reduzirá em muito a quantidade de informação teórica e de tempo gasto no processo de ensino-aprendizagem, optando por aquelas informações que sejam relevantes e facilitem o progresso da capacidade de utilização da língua que ele está buscando desenvolver em seus alunos.

No entanto, foi questionado se o ensino de língua portuguesa necessita de melhorias, o porquê e como a mesma poderia promover mudanças eficazes. Mais uma vez a professora não foi objetiva em sua resposta, declarando que “*o ensino de Língua Portuguesa não é um simples conteúdo escolar, mas atividade humana, história, social e inacabada*”.

Quando perguntamos qual a finalidade do ensino de língua padrão no contexto escolar, a professora afirmou que “*procuramos dar aos alunos condições de interpretar e escrever com proficiência, utilizando conscientemente os recursos da língua materna*”. Por meio dessa resposta, percebemos que, apesar de a docente ter consciência de que é preciso preparar o aluno para lidar com a linguagem em suas diversas situações de uso, durante a observação constatei que a docente não propicia condições para que isso aconteça.

Verifica-se desta forma, que muitos aspectos do questionário não se evidenciaram na prática, visto que, ao afirmar que trabalha a reflexão linguística fazendo questionamentos sobre temas relacionados a cidadania, ética, saúde, e consequentemente não priorizar apenas a conceituação gramatical nas aulas de português, contudo, observamos, em algumas aulas, a professora trabalhando conceitos de complemento nominal, pronome relativo, objeto direto e indireto entre outros. Ao defender que no ensino de língua padrão procura dar condições de interpretar e escrever com proficiência, utilizando conscientemente os recursos da língua materna, mas não explicar como deve ser ensinado em prol desse objetivo, leva-nos a concluir que muitos aspectos que foram colocados no papel não se evidenciam na prática em sala de aula.

No geral, podemos constatar que as aulas da docente, são voltadas para o ensino de uma gramática normativa, vinculada a regras que os alunos precisam memorizar, simplesmente para fazer provas, confirmando desse modo, a prática de um ensino tradicional cansativo e descontextualizado, pois a docente idealiza a

gramática de maneira equivocada, como se tantas regras pudessem levar o aluno a escrever e falar adequadamente.

5.2 Resultado da pesquisa feita com os alunos

Para analisar melhor a opinião dos alunos sobre como procede o ensino de língua portuguesa e consequentemente os procedimentos inerentes ao desenvolvimento da competência comunicativa, realizamos a aplicação de um questionário constituído por oito questões abertas. Trinta e um alunos pertencentes à turma do 8º ano A participaram desse estudo, mas apenas 12 alunos foram escolhidos, de forma aleatória para análise. Como explicitado no capítulo quatro, os alunos não serão identificados por nomes próprios, mas sim assinalado de A1 a A12.

Iniciamos com uma pergunta elementar com o objetivo de verificar se os alunos estão inteirados em relação à variação linguística. 1) para você, o que é variação linguística?

Tabela 1: Resposta 1 do questionário

A1	<i>E a variação e os tipos de linguagem das pessoas de modo diferente.</i>
A2	<i>E uma variação de línguas, em que depende do local ou da ocasião (formal e informal).</i>
A3	<i>E uma forma de que você usa para falar diversos tipos de língua.</i>
A4	<i>São várias línguas faladas de indeterminadas formas.</i>
A5	<i>E modo de falar diferente entre as pessoas.</i>
A6	<i>A variação linguística. Por exemplo, no Brasil falamos português, em todas as cidades e lugares só que há uma adaptação no meu estado falamos português com sotaque nordestino em redes sociais, outras assim vai.</i>
A7	<i>E a variação do modo de se falar que varia de acordo com o lugar.</i>
A8	<i>É o modo que cada um pode falar.</i>
A9	<i>É a variação de várias linguagens.</i>
A10	<i>É a variação de língua de várias formas em inglês, português e etc.</i>
A11	<i>São várias formas de língua.</i>
A12	<i>Variação dos tipos de língua; que varia de país em país.</i>

(FONTE: PESQUISADORA 2016)

Podemos constatar que os alunos do 8º ano "A" possuem uma pequena percepção do que seja variação linguística. De início observamos, mediante os depoimentos dos educandos, a presença de erros gramaticais, falta de coesão e coerência, implicando assim, pouco conhecimento da estrutura interna da língua.

A segunda indagação é sobre a metodologia utilizada pelo professor de língua portuguesa. Partindo do pressuposto de que é objetivo primordial do ensino de Língua Portuguesa é desenvolver a competência comunicativa de seus alunos, possibilitando a capacidade de produzir e compreender textos orais e escritos em diversas situações de interação comunicativa, e por considerarmos a leitura e a produção de textos atividades fundamentais para o desenvolvimento da competência comunicativa, perguntamos aos alunos 2). Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?

Tabela 2: Resposta 2 do questionário

A1	<i>Explica conteúdo e faz atividades</i>
A2	<i>As metodologias são várias desde o estudo do livro a ótima explicação</i>
A3	<i>Ela nos ensina como devemos nos comunicar e como devemos falar corretamente numa língua bem adequada e correta.</i>
A4	<i>Ela utiliza exercícios para a revisão, ler e explica o assunto através dos livros ou apostilas.</i>
A5	<i>Fazer as atividades, ela corrige e ela explica.</i>
A6	<i>Ela usa o livro didático, usa textos diferentes, tira dúvida e faz atividades.</i>
A7	<i>Vários métodos. Ex: ler textos</i>
A8	<i>A língua formal.</i>
A9	<i>Ela passa dever manda ler textos, fazer leitura e tudo mais.</i>
A10	<i>Passando dever, fazendo ler, refletir sobre o assunto.</i>
A11	<i>Ela usa o método de explicar e da escrita.</i>
A12	<i>Ela explica na frente da sala.</i>

(FONTE: PESQUISADORA 2016)

Conforme a maioria dos depoimentos, o professor explica os conteúdos, passa textos e atividades baseado no livro didático, ou seja, as aulas são fundamentadas no ensino tradicional. Uma resposta que reparamos foi A3, onde é declarado que os métodos utilizados têm o único objetivo de escrever e falar certo, mostrando que o assunto a que estão expostos nas salas de aula parece ir ao sentido de reforçar o que é “correto” na língua dos alunos.

A escola tem como objetivo primordial ensinar o aluno a dominar a língua padrão para o pleno exercício da cidadania. Contudo perguntamos aos alunos 3). Qual a finalidade da norma culta no contexto escolar?

Tabela 3: Resposta 3 do questionário

A1	<i>Aprendizagem</i>
A2	<i>O aprendizado</i>
A3	<i>Eu acho que é por isso que existe a língua portuguesa na escola, é uma língua que nós falamos e nós devemos conhecer ela como método linguístico.</i>
A4	<i>O aprendizado</i>
A5	<i>O aprendizado</i>
A6	<i>Falar corretamente, escrever corretamente, saber criar textos e etc.</i>
A7	<i>Aprender a escrita correta</i>
A8	<i>Pra mim já tá bom. Só preciso de falar e escrever.</i>
A9	<i>Aprendizado</i>
A10	<i>O aprendizado</i>
A11	<i>A explicação</i>
A12	<i>Aprender português</i>

(FONTE: PESQUISADORA 2016)

Podemos constatar mais uma vez que os alunos do 8º ano “A” relacionam a língua padrão ao falar corretamente, concepção está de certa forma ditada pela própria escola, na pessoa do professor.

Para ampliar as discussões sobre o nosso objeto de estudo, perguntamos aos alunos: Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto escolar e as pessoas envolvidas na comunicação?

Tabela 4: Resposta 4 do questionário

A1	<i>Sim, Porque tem várias linguagens e pessoas diferentes.</i>
A2	<i>Sim. Porque existe várias nacionalidade e existem também várias línguas provenientes.</i>
A3	<i>Sim. Como por exemplo, quando vamos nos comunicar na internet, colocamos as palavras de forma simplificada e diversificada.</i>
A4	<i>Sim. Porque o mundo todo tem várias línguas</i>
A5	<i>Sim. Pois tem gente dos interiores que falam diferente.</i>
A6	<i>Sim. Na rede social você fala através da digitação das palavras abreviadas, na escola uso outra variedade e em casa.</i>
A7	<i>Sim. Muda de acordo com a região</i>
A8	<i>Sim. Porque todo mundo fala conforme o contexto na comunicação.</i>
A9	<i>Sim, porque tem várias linguagens.</i>
A10	<i>Sim, eu tenho super noção.</i>
A11	<i>Sim.</i>
A12	<i>Sim, porque as pessoas vem de locais diferentes onde as línguas mudam.</i>

(FONTE: PESQUISADORA 2016)

Constatamos que a maioria dos alunos estão cientes de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto escolar e as pessoas envolvidas na comunicação, no entanto, podemos constatar que faltam argumentos para comprovar tais afirmações.

O reconhecimento da variação linguística do aluno é primordial para desenvolvimento da competência comunicativa. Dessa maneira seguimos para a quinta pergunta do questionário, com a finalidade de identificar como a escola lida com a variação linguística dentro da sala de aula.5). Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso da variedade que foge ao uso padrão da língua?

Tabela 5: Resposta 5 do questionário

A1	<i>Bom</i>
A2	<i>Bom, ela tenta voltar ao padrão, mas na verdade é bem difícil.</i>

A3	<i>As vezes quando ela vai corrigir uma prova ou uma atividade, as vezes ela considera certo mas ela corrige colocando alguma coisa que está faltando, para que não podemos errar mais naquilo.</i>
A4	<i>Postura boa, ensina bem, etc.</i>
A5	<i>Bom as professoras de português sempre sabe mais é claro, que não reclamo do modo que ela fala.</i>
A6	<i>Bom, ele fala bem o português. Acho que ele faz o máximo possível para ele falar corretamente e nós também.</i>
A7	<i>Normal.</i>
A8	<i>Muito formal.</i>
A9	<i>Ela sabe de tudo é mais um pouco.</i>
A10	<i>Superrelex, ela sabe de tudo.</i>
A11	<i>E boa a sua postura</i>
A12	<i>Fica constrangida e tenta ensinar como falar certo</i>

(FONTE: PESQUISADORA 2016)

Podemos constatar por meio dos depoimentos e das aulas observadas, que não há interação entre professor e aluno, pois a professora dá ênfase ao ensino gramatical e conseqüentemente não há essa reflexão linguística baseado nos questionamentos sobre temas relacionados à cidadania, ética, saúde, entre outros, como afirma a docente em seu depoimento. Contudo, a mesma se contradiz ao afirmar que sua maior dificuldade está em trabalhar a variação linguística do aluno, levando em conta o seu contexto social. Se de fato a escola tratasse variação linguística, levando em conta o contexto social dos seus alunos, os docentes não teriam dificuldade em trazer a realidade do aluno para dentro do contexto escolar.

Acreditamos que muitos alunos considerem o português uma língua bastante difícil, talvez pelos métodos utilizados pela escola. Diante disso, perguntamos aos sujeitos entrevistados. Quais as dificuldades de aprendizagem que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?

Tabela 6: Resposta 6 do questionário

A1	<i>É Sempre bom o ensinamento que ela nós ensina.</i>
----	---

A2	<i>Algumas vezes por calsa da explicação e outras vezes por calsa do assunto mesmo.</i>
A3	<i>Nenhuma. A língua portuguesa só requer atenção e se você tiver atenção não encontra nenhuma dificuldade.</i>
A4	<i>Algumas vezes tenho dificuldade para aprender o assunto que ela passa.</i>
A5	<i>São as regras de português e os textos.</i>
A6	<i>São as regras que tem na língua portuguesa temos que estar sempre atentos a escrever e falar português corretamente.</i>
A7	<i>Nenhuma</i>
A8	<i>Tudo. É tão chato que não consigo aprender.</i>
A9	<i>Na parte dos adjetivos.</i>
A10	<i>Não muitos. Só os adjetivos.</i>
A11	<i>Os adjetivos</i>
A12	<i>Quase nenhuma.</i>

(FONTE: PESQUISADORA 2016)

Observamos nos depoimentos acima, que os alunos foram unânimes a afirmarem que encontram dificuldades quanto ao ensino de Língua Portuguesa, pois têm problemas em aprender as regras gramaticais. Além disso, vimos que a metodologia utilizada pela docente não é facilmente compreendida por eles, constatando assim, que o ensino tradicional não priorizava a necessidade dos alunos, retratando assim o trabalho com textos que dão ênfase apenas aos aspectos gramaticais, onde os alunos têm que decorar regras que pouco servem para sua vida social.

Trabalhar a variação linguística no ensino da língua não significa abandono do ensino da norma culta, pois essa continua sendo a variante de prestígio, que possibilita ao falante se comunicar adequadamente no meio social. Contudo, ao se apropriar de uma variedade linguística de maior valor social, em especial a escrita e a oralidade padrão, orientado pela gramática tradicional, o aluno será capaz de compreender que todas as variantes linguísticas são legítimas provenientes da história e da cultura humana. Assim, é primordial que dentro da sala de aula haja práticas reflexivas sobre os usos das diversas variedades linguística através dos mais diversos gêneros

textuais, tanto na modalidade oral quanto na escrita, para que o aluno saiba que cada uma dessas variedades (padrão e não padrão) tem seus contextos de uso.

Com o objetivo de averiguar se o ensino de língua portuguesa está contribuindo para o desenvolvimento da competência comunicativa na produção escritas dos alunos, perguntamos a estes: 7) A forma como a professora ensina contribui para a utilização da língua de modo a adequar-se ao contexto de uso das produções escritas? Justifique:

Tabela 7: Resposta 7 do questionário

A1	<i>Sim, porque é muito importante para todos aprenderem as palavras corretas e não erradas.</i>
A2	<i>Sim, porque não adianta somente explicar, tem que praticar, porque sempre ajuda.</i>
A3	<i>Sim. A professora e nós lemos diversos textos e depois ela faz a interpretação, perguntando sobre o que lemos e entendemos.</i>
A4	<i>Sim, a explicação sempre tem que ser boa e também nós devemos praticar.</i>
A5	<i>Sim. Pois as vezes você precisa de um pouco do que você aprendeu com ela.</i>
A6	<i>Sim. Pois aprendermos o português correto.</i>
A7	<i>Sim, pois ela faz bastante estudo com relação a texto.</i>
A8	<i>Sim. Porque ela fala muito formal e isso contribui.</i>
A9	<i>Sim, ela tem uma ótima explicação só as vezes que não da pra entender.</i>
A10	<i>Sim, minha professora explica muito bem quase não tenho duvidas.</i>
A11	<i>Sim. Por que ela ensina as regras.</i>
A12	<i>Sim para que não haja escrita errada nos seu texto.</i>

(FONTE: PESQUISADORA 2016)

Constatamos mais uma vez através dos depoimentos dos alunos A6, A8, A11, A12, que o método utilizado pela docente é fundamentado no ensino tradicional, que dá ênfase à leitura de textos, ensinamentos de regras e na correção dos erros gramaticais. Contudo, todos os alunos responderam que sim, que o método utilizado

contribui para produção de textos, mas a maioria não soube argumentar corretamente, desse modo comprovamos a ineficiência na produção da escrita.

Ao observamos as aulas da docente e percebermos como ela procede ao ensino de Língua Portuguesa, perguntamos aos seus alunos, por fim: 8). Você gosta das aulas de Língua Portuguesa? Por quê?

Tabela 8: Resposta 8 do questionário

A1	<i>Sim por quê é muito interessante os conteúdos e os ensinamentos para nós aprendermos.</i>
A2	<i>Mais ou menos, porque é um pouco difícil de entender alguns assuntos.</i>
A3	<i>Sim, porque aprendemos muitas coisas interessantes e aprendemos como essa matéria é importante para o nosso dia-a-dia.</i>
A4	<i>Mais ou menos, porque algumas vezes tem alguns assuntos ruim de entender e outros bons.</i>
A5	<i>Sim, porque você cada aula aprende mais e se interessa cada vez mais.</i>
A6	<i>Sim, pois aprendo o quão importante é a minha língua.</i>
A7	<i>Sim, porque gosto de ler.</i>
A8	<i>Não. Porque é chato, dá sono e eu não consigo aprender de jeito nenhum. E nunca vou aprender.</i>
A9	<i>Não, porque as vezes elas são chatas.</i>
A10	<i>Mais ou menos. Por que tem algumas coisas difíceis que eu não sei.</i>
A11	<i>Sim e não. Porque as vezes as aulas é chata.</i>
A12	<i>Não. Porque não gosto.</i>

(FONTE: PESQUISADORA 2016)

Percebemos que a maioria dos alunos não gosta das aulas de Língua Portuguesa, declarando que tem dificuldade em aprender, pois acham a disciplina um pouco difícil com isso podemos constatar que tal dificuldade resulta do método utilizado, já que a docente trabalha dando ênfase aos conteúdos gramaticais, desse modo contribuindo para gerar, nos alunos, o desinteresse pelo estudo da língua, visto que o ensino de português não coincide com a realidade deles. Já as respostas de A5, A6 e A7 declaram, que gostam da disciplina de Língua Portuguesa e reconhecendo a importância da língua, pois diz respeito, à língua que falamos.

No geral, podemos averiguar a partir das respostas dadas pelos alunos, que boa parte das aulas do ensino de Língua Portuguesa é dedicado ao ensino de gramática descontextualizada, irrelevantes para proporcionar o pleno desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

6. CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa expomos acerca do ensino de língua portuguesa, a partir da qual buscamos analisar se a escola tem preparado o aluno para o uso competente da língua nas mais distintas situações comunicativas. Assim mostramos, até este momento, o resultado de um estudo que buscou suas fontes em outras pesquisas e no convívio do professor com seus alunos no contexto da sala de aula, o que nos levou a um retrato, por mais que limitado, do ensino de língua portuguesa.

É necessário que se trabalhe nas escolas as diferentes variedades linguísticas, valorizando a linguagem de cada aluno, evitando assim o preconceito linguístico. O preconceito linguístico acontece quando a escola e os professores supervalorizam a linguagem padrão e elitista. Portanto, é fundamental que os educadores repensem suas práticas pedagógicas e passem a considerar o repertório linguístico dos seus educandos e o valorize. Para isso, os professores precisam sempre conhecer e atualizarem-se quanto aos novos estudos da linguística aplicada e da sociolinguística, através de sua formação continuada, participando de cursos, congressos, palestras, projetos de pesquisa e outros, de modo que possam refletir sobre essa temática.

É preciso levar os alunos a perceberem que eles podem adquirir conhecimentos linguísticos que os possibilitarão usar a linguagem adequada de acordo com o contexto social no qual estiverem inseridos. Os professores devem valorizar os conhecimentos linguísticos prévios dos educandos, pois eles trazem consigo uma cultura e um dialeto que a escola não pode desvalorizar, mas isso não significa trabalhar apenas com tais conhecimentos, uma vez que é preciso ampliar o repertório linguístico dos alunos. A grande tarefa da escola com relação ao ensino de língua é ensinar e propor reflexões sobre as normas urbanas de prestígio social, já que só se ensina algo que ainda não é sabido, mas para isso não é necessário a exclusão ou a rejeição ao dialeto utilizado pelo aluno.

Explicitamos, no referencial teórico, o valor da língua dentro da sociedade, que estão indissolúvelmente entrelaçadas, mostrando que a língua padrão tem maior prestígio social por ser a variedade linguística falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas, ou seja, utilizada por aqueles que estão no centro do poder econômico e cultural, o que conseqüentemente reflete no ensino de Língua Portuguesa, pois os professores da referida área acreditam que a língua padrão é o

único meio de o aluno conhecer a língua e ser bem aceito socialmente. Desse modo, ignoram as variedades linguísticas distintas da língua padrão e conseqüentemente propagam o preconceito linguístico, influenciando assim no baixo rendimento dos alunos. Como afirma Bortoni - Ricardo (2006) afirma que a escola parte do princípio de ensinar a língua da cultura dominante – norma padrão - e tudo o que difere ou se afasta deste código é considerado defeituoso e deve ser erradicado. Ou seja, a escola aborda o ensino de língua portuguesa de modo sistemático e impositivo.

Constatamos por meio das aulas observadas e dos questionários aplicados, que a concepção de língua adotada pela professora está vinculada ao ensino da língua padrão por meio da prescrição e da imposição da gramática normativa, ou seja, ela prega o ensino unicamente de regras e normas gramaticais, como se elas fossem garantia de escrever bem e falar corretamente, o que colabora para que haja um distanciamento em relação ao desenvolvimento da competência comunicativa do aluno.

A respeito das práticas de uso da língua realizadas na sala de aula que serviu de base para a realização desta pesquisa, considerando as observações realizadas em junho de 2015, podemos constatar que estas estavam voltadas para a de cópias de exercícios do livro didático, que constituía para aqueles alunos a única fonte de informação e atualização acessível. Durante as observações, não registramos nenhuma aula em que os alunos foram levados a produzir textos.

O texto como unidade de sentido ou discurso é completamente esquecido, já que os alunos copiavam para o caderno o texto e as interpretações já prontas do livro didático, sem terem a oportunidade de produzirem seus próprios textos ou refletirem a partir dos mesmos. Para atingir o desenvolvimento da competência comunicativa, como citado no segundo capítulo deste trabalho, acreditamos que é preciso que o professor abandone o comodismo e pare de reproduzir somente a doutrina gramatical e ser mais dinâmico, ministrar o conteúdo de forma reflexiva em atividades contextualizadas, interdisciplinares ou coletivas, de modo que o aluno possa perceber as variedades da língua através de pesquisas, as quais envolvam a leitura e produção textual, podendo assim, construir seu próprio conhecimento linguístico.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Maria Irandé Costa Mores. **Muito além da gramática**: por um ensino de gramática sem pedra no caminho. São Paulo, Ed. Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**. tradição gramatical, mídia & exclusão social. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. –São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 47.ed. São Paulo: Loyola, 2006
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- GERHARDT, Tatiana Enge; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRS, 2009.
- GNERRE, Maurício. Linguagem, escrita e poder. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KOCH, Ingedore G. Vilaça. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.
- LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 3 eds. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática ensinar na escola?** São Paulo: Contexto, 2003.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. O professor de língua portuguesa: modos de ensinar e de aprender. In: AZEREDO, José Carlos de (org.). **Língua Portuguesa em debate: conhecimento ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 244-249.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática 1992.p.14.

POSSENTI, Sírio (1997): **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, Mercado de Letras

SOARES, Magda (Professora da Universidade de Minas Gerais). **Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social**. 17ªed. 14ª impressão. Editora Ática. 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **GRAMÁTICA E INTERAÇÃO: Uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXOS

1. Para você, o que é variação linguística?

Variação linguística: Por exemplo no Brasil falamos português em todos os estados e lugares só que há uma adaptação no meu estado falamos português com sotaque nordestino em outros estados, letras e assim vai.

2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?

Ela usa um livro didático, usa textos diferentes, tira dúvidas e faz atividades.

3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?

Falar corretamente, escrever corretamente, sobre outros textos e etc.

4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique

Sim. Por exemplo na rede social você fala através da digitação de palavras abreviadas, na escola uso outra variação e em casa outra.

5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua?

Bom ele fala bem o português. Acho que ele faz o máximo possível para ele falar corretamente e nós também.

6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?

São as regras que tem na língua portuguesa temas que estão sempre atenta a escrever e falar português corretamente.

7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique

Sim. Pois aprendemos o português escrito.

8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?

Sim. Pois eu aprendo o que é importante e a minha língua.

A12

1. Para você, o que é variação linguística?
variação dos tipos de língua;
que varia de país em país.
2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?
Ela explica na frente do sala.
3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?
Aprender português.
4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique.
Sim, por que as pessoas usam de locais diferentes
então as línguas mudam.
5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua?
fica contrariada e tenta ensinar como falar certo.
6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?
~~De~~ Quase nenhuma.
7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique.
Sim, para que não aja escrita errado no texto.
8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?
Não, por que não gosto.

1. Para você, o que é variação linguística?
São várias línguas ~~de~~ de indeterminados portões.
2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?
Ele utiliza recursos para ensinar ler e escrever.
O conteúdo através do livro ou apostilas.
3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?
O aprendizado.
4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique
Sim, porque no mundo todo tem várias línguas.
5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua? Postura boa, mas não bem, etc.
6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?
Algumas vezes tem dificuldade para aprender
o assunto que está sendo.
7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique
Sim, a explicação nem que seja que se lê e também
nos devemos praticar.
8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?
Mais ou menos, porque algumas vezes tem alguns assuntos
que não entendo e outros bem.

Nome: _____ prof: Ana PAULA

1. Para você, o que é variação linguística?

É a variação de linguagem de acordo com as formas locais, sociais, regionais, etc.

2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?

Partindo de um contexto real, refletindo sobre o assunto.

3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?

O Aprendizado.

4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique

Sim. Eu tenho alguma noção.

5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua?

Saber lidar com tudo.

6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?

Não muitas. São os acentos.

7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique

Sim, minha professora ensina muito bem, quase não tenho dúvidas.

8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?

Sim, ou menos. Porque tem algumas coisas difíceis que eu não sei.

A8

1. Para você, o que é variação linguística?

É o modo que cada 1 pessoa falar.

2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?

A língua formal.

3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?

para mim, já tá bom, tá presença de falar e escrever.

4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique

sim, porque todo mundo fala conforme o contexto na comunicação.

5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedades que fogem ao uso padrão da língua?

muito formal

6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?

leudo. de tão ^{chato} que é eu não consigo aprender.

7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique

sim, porque ela fala muito formal e isso contribui.

8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?

Não, porque é chato, de sono e eu não consigo aprender de jeito nenhum. E nunca foi aprender.

BJS *

1. Para você, o que é variação linguística?
São várias formas de língua.
2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?
O uso e método de explicação e da escrita.
3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?
É explicação.
4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique
Sim.
5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua?
É isso a sua postura.
6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?
Os exercícios.
7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique
Sim. Por que do ensino as regras.
8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?
Sim, pois, porque os alunos são muito felizes.

1. Para você, o que é variação linguística?

É uma variação de línguas, um que depende do local ou ocasião (formal, informal etc.)

2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?

As metodologias são várias desde o estudo de livros a outras explicações

3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?

O aprendizado.

4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique

Sim, porque como existe várias nacionalidades existem também várias línguas provenientes.

5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua?

Bom, ela tenta voltar ao padrão, mas na verdade é bem difícil.

6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?

Algumas, às vezes por causa da explicação e outras vezes por causa do assunto mesmo.

7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique

Sim, porque não adianta somente explicar, tem que praticar, porque sempre ajuda.

8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?

Mais ou menos, porque é um pouco difícil de se entender alguns assuntos (por isso!).

1. Para você, o que é variação linguística?

É uma forma que você usa para falar diversos tipos de língua.

2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?

Ele nos ensina como devemos nos comunicar e como devemos falar corretamente numa língua bem adequada e correta.

3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?

Eu acho que é por isso que existe a língua portuguesa na escola, é uma língua que nós falamos e que nós devemos conhecer ela como método linguístico.

4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique

Sim, como por exemplo quando vamos nos comunicar na internet, colocamos as palavras de forma simplificada e diversificada.

5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua?

Às vezes, quando ela vai corrigir uma prova ou numa atividade, às vezes ela reconsidera certo mas ela corrigi colocando alguma coisa que está faltando, para que não podemos errar mais naquilo.

6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?

Nenhuma. A língua portuguesa só requer atenção e se você tiver atenção, não encontrará nenhuma dificuldade.

7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique

Sim. A professora e nós lemos diversos textos e depois ela faz a interpretação, perguntando sobre o que lemos e entendemos.

8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?

Sim. Porque aprendemos muitas coisas interessantes e aprendemos como essa matéria é importante para o nosso dia-a-dia.

1. Qual a sua formação e há quantos anos realiza a docência em sala de aula?

Licenciatura Plena em Letras (Português), atuando há quinze anos em sala de aula.

2. Qual o papel do Educador Linguístico?

O(A) professor(a) deve agir como mediador(a) entre alunos e texto, propondo atividades que levem à compreensão do texto lido por meio da atração do conhecimento de mundo e do estabelecimento de relações entre este e um

3. De que forma você, enquanto educador linguístico, contribui para a formação linguística do aluno além da língua padrão?

Acreditando que a existência de uma variedade-padrão é necessária para um meio de expressão comum a todas as pessoas cultas de um país.

4. Os seus alunos estão preparados para o uso competente da língua portuguesa nas diversas situações comunicativas?

O aluno encontra-se em processo de aperfeiçoamento linguístico, cultural e social.

5. Seus alunos têm consciência de que podem adequar a língua às distintas situações comunicativas?

Acreditamos auxiliar verdadeiramente os alunos na aprendizagem da leitura e da escrita.

6. Qual a sua maior dificuldade em lidar com variação linguística em sala de aula?

A necessidade de tratar as diferentes questões que envolvem o jovem/adolescente e a sociedade na qual ele está inserido.

7. Quais são os métodos mais utilizados no ensino da língua portuguesa em sala de aula?

A reflexão linguística, a aprendizagem dos recursos gramaticais, o emprego das características de um gênero, questionamentos sobre temas relacionados a cidadania, ética

8. O ensino de Língua Portuguesa precisa de melhorias? Porquê? E que você teria para promover mudanças eficazes.

O ensino de Língua Portuguesa não é um mero conteúdo escolar, mas uma atividade humana, histórica e social e inacabada.

9. Qual a finalidade do ensino de língua padrão no contexto escolar?

Procuramos dar aos alunos condições de interpretar e escrever com proficiência, utilizando conscientemente os recursos da língua materna.

1. Para você, o que é variação linguística?

É a variação e os tipos de linguagem das pessoas de modo diferente.

2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?

Explicar o conteúdo e fazer atividades.

3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?

O aprendizado

4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique

Sim, porque tem várias linguagens e pessoas diferentes.

5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua?

Doem

6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?

É sempre bom o ensinamento que ela nos ensina.

7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique

Sim, porque é muito importante para todos aprenderem as palavras corretas e não erradas:

8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?

Sim porque é muito interessante os conteúdos e são ensinamentos para nós aprendermos.

1. Para você, o que é variação linguística?

É o modo de falar diferente entre as pessoas.

2. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de língua portuguesa?

faz as atividades, ela corrige e ela explica.

3. Qual a finalidade do estudo da norma culta no contexto escolar?

O aprendizado.

4. Você tem consciência de que a língua varia e de que pode utilizá-la conforme o contexto e as pessoas envolvidas na comunicação? Explique

Sim. Pois tem gente dos interiores que falam diferente.

5. Qual a postura do professor de Língua Portuguesa diante do uso de variedade que fogem ao uso padrão da língua?

Bom as professoras de português sempre sabe mais e claro, eu não reclamo do modo que ela fala.

6. Quais as dificuldades de aprendizado que você encontra nas aulas de Língua Portuguesa?

São as regras de português e os textos.

7. A forma como a professora ensina contribui para que possa utilizar a língua adequadamente quando vai produzir textos? Justifique

Sim. Pois as vezes você precisa de um pouco do que você aprendeu com ela.

8. Você gosta das aulas de língua portuguesa? Por quê?

Sim. Porque você cada aula aprende mais e se interessa cada vez mais.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Léia Samara da Silva Santos,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Ensino de Língua Portuguesa e Variedade Padrão:
Análise do Desenvolvimento da Competência Comunicativa
em uma Turma do 8º ano da Escola Estadual Toussinha
Nunes.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 31 de outubro de 20 18

Léia Samara da Silva Santos
 Assinatura

Léia Samara da Silva Santos
 Assinatura